



O presidente eleito está perdendo tempo?

■ Economistas defendem a necessidade de um acordo político imediato para garantir as reformas que devem viabilizar o Real

CONSUELO DIEGUEZ E CRISTINA ALVES

O presidente eleito Fernando Henrique Cardoso está perdendo um tempo precioso para iniciar as negociações políticas que viabilizarão o Plano Real a médio e longo prazos. As discussões com os líderes políticos já deveriam estar ocorrendo para aproveitar o benefício da vitória no primeiro turno.

Essa é uma das principais conclusões dos economistas Dionísio Dias Carneiro e Rogério Werneck, da PUC do Rio, e Paulo Nogueira Batista Junior, da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, reunidos no Balanço Mensal promovido pelo **JORNAL DO BRASIL**. O temor é de que esse atraso acabe adiando algumas reformas, como a tributária, fundamentais para a estabilização. No caso dos impostos, a situação se agrava ainda mais porque precisa ser respeitado o princípio constitucional da anualidade para que a nova tributação possa entrar em vigor em 1995.

"Fernando Henrique está usufruindo pouco da vitória no primeiro turno", diz o economista Rogério Werneck, professor da PUC-Rio. Werneck defende que o presidente eleito anuncie sua equipe econômica para que já se iniciem as negociações com o Congresso.

O economista Dionísio Carneiro avalia que a grande expectativa com a vitória de Fernando

Henrique no primeiro turno era de que ela permitiria alguns arranjos fiscais que aumentassem a confiança no plano. A ausência dessa confiança é que está provocando, segundo ele, uma pressão maior sobre os preços criando dúvidas entre os empresários sobre o sucesso da política de estabilização.

"O equilíbrio fiscal é ainda muito precário. E o sucesso do plano está calcado exatamente nas medidas de ajuste do Estado", afirma.

Para Dionísio, o que dificultou as negociações do novo governo com os líderes políticos foi a indefinição das eleições para governador de estados importantes como Rio, São Pau-

lo, Minas e Rio Grande do Sul. "Temos aí 300 parlamentares órfãos de governadores que terão dificuldades para iniciar os acertos com o governo", afirma.

O adiamento na escolha dos novos governadores também atrasa as discussões sobre os bancos estaduais que hoje são um sério entrave ao equilíbrio fiscal.

Um dos consensos é de que o ponto fraco do programa até agora é a falta de um ajuste fiscal. "O Estado ainda precisa de muita inflação para se equilibrar", resume Dionísio Dias Carneiro.

Já na opinião do economista Paulo Nogueira Batista Junior, da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, a indicação dos nomes da futura equipe econômica não é o problema mais grave. A tarefa mais difícil para o presidente eleito, diz, será a de consolidar uma coalizão política que viabilize a estabilização. "Há uma dificuldade em compatibilizar esquemas tradicionais de poder com a estabilidade. É preciso saber se os donos do poder no país mudaram o seu ponto-de-vista", diz, referindo-se às forças políticas que apoiaram a candidatura Fernando Henrique.

Paulo Nogueira Batista Junior defende ainda a necessidade de um "sobreajustamento fiscal". Só desta forma, o governo pode conseguir aumentar o grau de confiança no

programa e neutralizar os efeitos expansionistas do Real. Dionísio Carneiro concorda. Os dois economistas defendem uma melhoria da arrecadação de impostos. "Montamos um sistema de arrecadação inócuo e vergonhoso.

A estrutura tributária do país é tão caótica, segundo Paulo Nogueira, que a evasão de impostos atinge cifras alarmantes. Para cada R\$ 1 arrecadado um outro é sonogado.

Além da indefinição política, outros fatores estão contribuindo para a turbulência do plano. "As trapaças da sorte não foram desprezíveis sobre a inflação", diz Carneiro referindo-se à geada e à seca.

Divisão de cargos preocupa

□ "Se o Ministério do Fernando Henrique depende da definição do segundo turno para que se faça uma grande partilha dos cargos, então é um desastre. Seria a repetição do governo Sarney", diz Dionísio Carneiro.

"É preciso saber quem vai negociar as reformas. Se o novo presidente esperar para definir a equipe só no Natal, criará um buraco negro de incertezas", afirma Rogério Werneck, referindo-se ao futuro do plano.